

DISCIPLINA CULTURA DO ISRAEL BÍBLICO I – 2020

O Impacto da Literatura do Oriente Médio Antigo na Elucidação da Bíblia Hebraica .

Suzana Chwartz

A descoberta de documentos do OM antigo acarretou uma verdadeira revolução nos estudos acadêmicos da Bíblia Hebraica.

No exato momento em que este artigo está sendo escrito, novos textos estão sendo decifrados e novas escavações arqueológicas estão sendo levadas a cabo no Oriente Médio, ampliando um quadro que começou a ser delineado na década de 40, com a descoberta de tesouros epigráficos em Ebla, Ugarit, Moab, Edom, Assíria e Babilônia e que aponta para a existência de um *continuum* cultural na bacia oriental do Mediterrâneo, na Antiguidade.

As descobertas epigráficas alteraram significativamente a nossa compreensão sobre a relação cultural entre os povos que compõem essa unidade territorial – na qual se insere, obviamente, os Filhos de Israel, povo no seio do qual foi escrita a Bíblia hebraica .

Os textos - gravados em tabuinhas, *ostraca* e estelas – formam um *corpus* de “evidência extra-bíblica” cujo valor para a compreensão da Bíblia hebraica tornou-se, nos dias atuais, indiscutível e indispensável, principalmente no âmbito acadêmico.

Os meios acadêmicos que ainda se recusam a admitir a correlação entre textos bíblicos e extra-bíblicos cometem um grande equívoco.

Conhecer o contexto, como afirmou a antropóloga Mary Douglas, é um exercício essencial mesmo para aqueles que visam a interpretação; e em nada decresce a autoridade do redator antigo, uma vez que é na política que se deve enxergar a superestrutura dos temas teológicos tratados nos livros da *torah*.¹

A evidência mais contundente da interação cultural do Oriente Médio antigo é o fato de uma cópia do épico de Gilgamesh, em acádio, ter sido encontrada na cidade cananita de Megido.

Em defesa da idéia de *continuum* cultural, não se pode deixar de citar o trabalho pioneiro de Cyrus Gordon² e Gary Rendsburg, que basearam seus estudos principalmente na decifração das inscrições no alfabeto micênico linear B, tornando possível a compreensão dos textos em alfabeto minóico linear A, que determinou ser o minóico

Suzana Chwartz é arqueóloga bíblica e professora de Estudos da Bíblia hebraica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

¹ Douglas, Mary. *In the Wilderness*-The doctrine of defilement in the Book of Numbers. New York: Oxford University Press, 1993; p.xviii.

² Gordon, C.H. e Rendsburg, G.A.. *The Bible and the Ancient Near East*. London: W.W. Norton & Company, 1997; p.13

uma língua com aspectos semíticos nor-ocidentais, fato confirmado por duas inscrições bilíngües gregas eteo-cretenses e pelo disco de Phaistos da Grécia minóica .

Gordon interpretou essas várias descobertas, indicando a região do Delta do Nilo como centro aglutinador de um contingente populacional não – egípcio que, com certeza, incluía diversas vertentes semitas nor- ocidentais. Para ele, o Delta assume uma nova relevância no estudo das relações inter-raciais na Antigüidade .

A partir desse pressuposto, numerosos paralelos entre o mundo de Canaã e da antiga Grécia puderam ser traçados, reescrevendo a gênese da história do Ocidente. Estudos recentes que examinam a conexão entre as famílias lingüísticas afro - asiáticas e indo - européias apontam para um certo grau de história cultural compartilhada por esses dois grandes grupos de povos, uma vez que as línguas herdaram um componente em comum ou emprestam umas das outras tal componente.³

À luz desses novos estudos, tudo indica que a palavra- chave para se compreender o Oriente Médio antigo é inter-relação. Não surpreende o fato de a primeira evidência histórica do nome “ Israel” figurar na estela do faraó Meremtah; ou de o imperador persa Ciro ter sido cognominado “ungido de Deus” pelo profeta Isaías pela iniciativa de restaurar Sião, quando no prisma de Ciro aprendemos que a política de restauração religiosa era amplamente adotada pelo imperador em relação a minorias e seus cultos. Aliás, nesse mesmo prisma, Ciro se vangloria por enviar povos à sua terra natal , fazendo reviver seu culto original.

No que diz respeito à Bíblia Hebraica, Ocidente e Oriente encontram-se em pólos aparentemente opostos , uma vez que os escritos refletem o produto de um modo de pensar semita, concebido a partir de uma percepção sensitiva da realidade palpável.

Neste sentido, as traduções para as línguas ocidentais podem ser consideradas apropriações interpretativas, uma vez que traduzem conceitos, e não simplesmente palavras. Conceitualizar implica refletir sobre o tema tratado, e esta reflexão é intermediada pela maneira ocidental de pensar, orientada sobretudo pela necessidade de visualizar, e que se processa através do engessamento da percepção em imagens fixas , passíveis de fragmentação em unidades compreensíveis.

Já o pensamento semita é essencialmente dinâmico e espacial⁴, reflexo de sua percepção da realidade sensível, onde nada é fixo e inflexível, mas mutável, transitório e em movimento perene.

Em todo o Oriente, na Assíria, Babilônia, e também no Egito , a palavra – e em particular, a palavra de uma divindade - não consistia apenas na expressão de um pensamento, mas numa força poderosa e dinâmica.

³ Gordon, p.25

⁴ Dobschütz, E.von. “Zeit und Raum” em *Journal of Biblical Literature* XLI (1922), .212.

O termo *davar* (coisa, palavra) para os hebreus, comporta todas as formas de realidade: o que é dito, o que deve ser feito e o objeto concreto.

O nada, o não – ser é expresso pelo correspondente *lo-davar* (não palavra) : são “ palavras do lábio “ (Pr14:23) vazias e vãs, desprovidas de efeito, e portanto, de eficácia e de existência.

Quando empregada como “palavra de deus”, *davar* é a própria manifestação divina, a forma dinâmica através da qual Deus se dá a conhecer.

Os escritores bíblicos foram impressionistas: não é a forma nem a configuração que media a experiência da beleza, como para os gregos, mas as sensações de luz, cor, som, tom, odor e sabor, como evidencia o Cântico dos Cânticos. No hebraico bíblico, belo equivale a bom : *tov* , simplesmente.

O que é material possui vários sentidos simultâneos para o israelita; todos derivações de um conteúdo compreensível , e esse significado múltiplo é a qualidade dominante de todas as coisas.

Por exemplo, a rocha , metáfora de Deus, é uma imagem utilizada desde os sumérios. Para o israelita, no entanto, a rocha não possui apenas o sentido de perenidade, por ser firme e impertubável, mas principalmente o sentido de refúgio, por ser alta e inalcançável.

Assim, em Provérbios lemos “Deus é minha rocha (*tsur*) em quem encontro refúgio” (Pr18:2).

Sem deixar de ser original, a reflexão de Israel inscreve-se na longa busca pela compreensão do que é o homem e seu destino, uma ansiedade registrada nos mitos de outros povos – anteriores e contemporâneos a Israel.

Para apreendê-la, em seu contexto original, é imperativo resgatar o sabor semita das escrituras, e é fato que esse sabor semita está consolidado no mito. Esta é a estrutura que lhe é natural e familiar, e que pode ser observada em toda a literatura do Oriente Médio antigo.

Na Bíblia hebraica, no entanto, essa estrutura é pouco evidente ; em parte, devido ao processo de estratificação redacional e editorial ao longo de pelo menos 9 séculos e que resultou no texto que conhecemos hoje; em parte, devido à ideologia teológica dos redatores bíblicos, que elegeram a saga – revestida por um manto de historicidade - e não o mito, para fixar as diversas tradições bíblicas .

A superestrutura teológica da Bíblia Hebraica atribui a razão de todas as coisas à vontade - livre e incondicional – do Deus de Israel, e como decorrência desta postura, os relatos sobre a natureza, o homem e sua história encontram-se profundamente demitologizados.

Entretanto, o mito é o modo de reflexão oriental sobre a origem das coisas, o destino e seus mistérios , e também sobre a história dos povos e sua configuração político – geográfica .

Em sua acepção acadêmica, o mito implica uma fecunda religiosidade, uma vez que se constitui de narrativas sagradas, imbuídas de significado religioso e espiritual para sua audiência, e se edifica por intermédio de uma simbologia polissêmica que contribui para expressar sistemas de pensamento e valores.⁵

O corpo de mitos conhecidos do Oriente Médio antigo incluem mitos cosmogônicos e mitos de herói, muitas vezes condensados em uma só estória.

Os mitos cosmogônicos de várias culturas partilham aspectos comuns, como o fato de o mundo ser fracionado a partir de um todo estéril e informe, uma percepção marcadamente semita, a ponto de que o termo semita “separar” é o mesmo de “consagrar” e “santificar” (*qdš*) e desempenha um papel fundamental na cosmogonia dessas culturas.⁶

Um exemplo que nos permite traçar um paralelo e observar o fundo comum e as divergências de pensamento entre as culturas semitas antigas é o mito cosmogônico de um tempo hiatal no processo de criação, que é desenvolvido em fórmulas repetitivas, onde a negação é empregada como meio de designar um *status quo* improvável e efêmero, anterior à ação da divindade ou do herói, que a modificará substancialmente. É o caso do mito do caos árido (terra desolada) ou aquoso (o mar desordenado).

Gênesis 2: 5 traz a percepção de um mundo criado por Deus em seu estágio primordial :

*Ainda nenhum arbusto do campo havia na terra.
Ainda nenhuma erva do campo havia germinado:
pois IahvE Elohîms não havia feito chover
sobre a terra, e nenhum terroso ('adam) tampouco
para servir o terreno.*⁷

Constatamos a autenticidade desta percepção simples de camponês que apreende o mundo original como estéril e desprovido, um modo de ser anterior à bênção divina que ele espera vir sob a forma de chuva benfazeja, enviada pela divindade, e que irá propiciar o florescimento da vegetação do solo ao qual o homem está destinado a servir, sendo que servir e arar possuem o mesmo radical hebraico ('vd).

⁵ Eliade, Mircea. *Tratado da História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes: 1998; p. 194.

⁶ Brown, F., Driver, S.R., Briggs, C.A.. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1972.

⁷ Chouraqui, André. *No Princípio*. Trad. Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Imago, 1995, pp. 51. Escolhi a tradução de Chouraqui, conhecido hebraísta, pelo seu caráter anti-teológico e porque busca resgatar o sabor da língua hebraica e da linguagem bíblica. Chouraqui explica sua opção de grafar o nome de Deus 'elohim no plural em sua transcrição : “ o plural designa mais especificamente , na Bíblia, o Deus dos hebreus, o criador dos céus e da terra, conhecido sob o nome próprio IHVH. Nas línguas semíticas, é o termo genérico para designar o conjunto das divindades. Alguns lingüistas vêem nele o plural de 'el ou 'eloha e tomam estes três nomes como sinônimos”. (Chouraqui, p. 31)

A exegese identifica em Gn 2 uma relação orgânica com Gn 1, explicando Gn 2 como um capítulo que descreve a terra após sua criação em Gn 1, e refuta a idéia de um texto cosmogônico autêntico e independente. Esta é também a posição defendida por vários estudiosos, entre eles, Nahum Sarna, em seu comentário ao Livro do Gênesis :

*Esta passagem não é um relato cosmogônico, mas simplesmente uma descrição do estado inicial, infecundo da terra após a formação da terra seca, brevemente relatada em Gn 1: 9-10. A existência de depósitos celestiais e subterrâneos de água são pressupostos nesta passagem. A terra em si é apenas um deserto. A ela faltam chuva, verdura, humanidade.*⁸

A partir da investigação do preâmbulo das cosmogonias babilônicas e sumérias, minha percepção é que Gn 2: 5 constitui um texto cosmogônico independente, uma vez que partilha com outros textos a estrutura das negações concretas empregadas para designar um tempo anterior à ordenação do caos.

O poema babilônio *enuma elish* (quando no alto) mantém a divisão tripartida clássica de domínios : céu, terra, mundo subterrâneo. Apresenta o universo primitivo como informe, “sem que nada fosse ainda nomeado “ onde águas doces e salgadas se confundem num misto de incoerência e caos.

*Quando no alto o céu não se nomeava ainda
e embaixo a terra firme não recebera seu nome
foi Apsu , o iniciador, que os gerou,
e a causal Tiamat que a todos deu a luz;
como suas águas se confundiam, nenhuma morada divina fora construída,
nenhum canal tinha ainda aparecido.
Quando nenhum dos deuses começara a existir,
e coisa alguma tivesse recebido nome,
nenhum destino fora determinado,
em seu seio foram então criados.*⁹

Também a cosmologia caldéia , presente num texto de oração incantatória intitulada “Incantação para o Estabelecimento da Casa de um Deus” veicula a negação da criação no estado anterior à sua ordenação.

*Nenhuma casa santa, casa de deuses, fora
construída em um lugar santo;
nenhum caniço crescera, nenhuma árvore se
erguera;
nenhum tijolo for a colocado, nenhuma olaria*

⁸ Sarna, Nahum. *Genesis*. The JPS Torah Commentary. Philadelphia: The Jewish Publication Society , 1989, p.17.

⁹ *A Criação e o Dilúvio – Segundo os Textos do Oriente Médio Antigo*. Documentos do Mundo da Bíblia 7 .São Paulo: Edições Paulinas, 1990; pp.15

*tinha sido formada;
nenhuma casa tinha sido feita;
nenhuma cidade tinha sido feita, nenhum gado
ali instalado;
Nipur não for a feita, o Ekur não for a construído;
Uruk não tinha sido feita; Eana não fora
construído;
o Apsu não tinha sido feito; Eridu não fora construída;
nenhuma casa santa, casa de deuses, a habitação
não fora feita;
o conjunto das regiões
era apenas mar,
a fonte que está no meio do mar não passava
de um riacho.¹⁰*

Segundo Eliade, o par divino Céu - Terra é um dos motivos de fundo da mitologia universal.¹¹ Ele explica que no mito cosmogônico, a terra desempenha um papel passivo, mesmo sendo primordial, e é o céu que sempre fertiliza a terra pela chuva, fazendo que, como consequência, a terra venha a produzir cereais e plantas:

A terra, com tudo o que ela sustém e engloba foi, desde o começo, uma fonte inesgotável de existências, que se revelavam ao homem imediatamente.¹²

A terra é viva porque é fértil; desprovida desta condição que lhe é doada, constitui uma esfera estéril e improdutiva, impossibilitada de gerar seus dois produtos principais: vegetação e o homem, o *homo - húmus*, termo empregado por Eliade¹³ para designar o homem em sua relação explícita e original com o solo, uma idéia muito clara na associação semântica hebraica de *'adam- 'adamah* (humano - solo).

Vários outros textos sumérios, alguns curtos, outros fragmentários, traduzidos para o acadêmico, abordam o tema da hierogamia cósmica entre o céu e a terra, onde céu e terra figuram ora como realidade cósmica, ora como seres divinos:

An, o alto céu, fecundou a vasta terra, a semente dos heróis madeira e caniço foi depositada no seio; a boa terra, a vaca fiel, levou semente de An (...). Ela gerou a madeira e o caniço¹⁴.

Em outro texto, o céu é representado pela divindade que o personifica: *...Anu fecundou a bela terra.*

¹⁰ Chouraqui, p. 17.

¹¹ Eliade, Mircea. *Tratado da História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes: 1998; p. 194.

¹² Eliade, p. 196.

¹³ Eliade, p. 205.

¹⁴ A criação e o dilúvio, p. 19

E em um texto mais recente : *Anu, o rei dos deuses, fecundou a terra e ela lhe gerou sete deuses que ele denominou “Sete”*.

Um texto acádico traz as duas sentenças em relação de proximidade:

*O céu fecundou a terra, a vegetação foi abundante;
Uma chuva escura caiu e fecundou a terra escura.*

O texto explicita que o elemento fecundo depositado por Anu no seio da terra é a chuva.
15

No texto bíblico de Gn 2: 5 percebemos, na descrição da terra seca, a expectativa de que venha a chuva – não enquanto fenômeno natural – mas conforme a concepção semítica , onde chuva é a precipitação enviada deliberadamente pela divindade com o intuito expresso de fertilizar.

No entanto, no versículo seguinte, o redator faz um desvio deliberado do mito pan-oriental, subtraindo a chuva enviada por Deus e atribuindo a irrigação do solo a um vapor que emana do subterrâneo da terra - uma ação involuntária e espontânea desta - que torna a terra úmida, e que permite a instauração do estado propício para a criação do homem:

*Mas um vapor sobe da terra
e rega todas as faces do terreno.*

*IHVH Elohîms forma o terroso – adâm
pó do terreno – adama. (Gn 2:6,7)*

Em todo o Oriente Médio antigo, o homem se destina a servir : ao solo, a Deus, aos deuses.

Na Mesopotâmia, o objetivo da criação do homem é prover aos deuses: alimentá-los mediante os sacrifícios, construir-lhes templos, erigir-lhes estátuas e vesti-las, ou seja livrar os deuses de toda opressão do labor.

Este mito fundacional das culturas orientais não iremos encontrar em Israel, mas sem dúvida o mito pan-oriental do dilúvio está calcado sobre a insatisfação dos deuses em relação à humanidade que havia (m) criado.

O Noé bíblico , Utnapishtim e Atra-hasis mesopotâmicos recriam a humanidade e celebram o fim do dilúvio com o sacrifício, simbolizando a restauração e reconciliação com Deus ou deuses.

*Noah ergue um altar para IHVH
Ele toma de todo animal puro, de todo volátil puro;
ele faz subir holocaustos sobre o altar ;
IHVH sente o aroma agradável. (Gn 9: 20, 21)*

¹⁵ A criação e o dilúvio, p.20

e no poema mesopotâmico:

*...os deuses sentiram o odor; os deuses sentiram o bom odor;
os deuses , à semelhança de moscas , reuniram-se em torno do sacrificador .¹⁶*

Assim também os deuses e deusas de lábios ressequidos pela angústia da fome , no poema de Atra-hasis:

...reunidos [como moscas] em cima da oferenda, os deuses [sentiram] o odor.¹⁷

Mas enquanto a solução dos deuses para o problema da humanidade que lhe incomodava com seus ruídos é a instituição da esterilidade, a Bíblia hebraica reafirma o mandamento primordial de múltipla fertilidade:

*Elohim abençoa Noah e seus filhos . Ele lhes diz:
“Frutificai, multiplicai e enchei a terra.” (Gn 9:1)*

No mito mesopotâmico:

*Entre as pessoas , que a mulher fecunda torne-se estéril;
que “aquela que apaga” esteja entre as pessoas;
que se apodere da criança sobre os joelhos daquela que a gerou.
Instituições dos Ugbabtu, dos Entu e dos Igsitu; sejam elas proscritas.
Impeça a gravidez¹⁸!*

Na Bíblia hebraica, a esterilidade dos ventres é um tema teológico e não um mito etiológico ; é relevante notar que esta modalidade de esterilidade não figura na Bíblia hebraica como objeto das maldições que sancionam os tratados de aliança.

Eliade destaca uma relação orgânica indestrutível entre as formas vivas que a terra produz e sua matriz, que impõe um eixo de solidariedade entre a fecundidade do solo e da mulher , sendo este um dos marcos reconhecíveis das sociedades agrícolas:

Há entre a terra e as formas orgânicas por ela geradas um laço mágico de simpatia. Em conjunto elas constituem um sistema . Os fios invisíveis que ligam a vegetação, o reino animal e os homens de uma certa região ao solo que os produziu ,no qual vivem e se alimentam, foram tecidos pela vida que palpita tatno na mãe como nas suas criaturas. A sua unidade é de ordem biológica. E sempre que qualquer dos modos desta vida é manchado ou esterilizado por um crime contra a vida todos os outros modos são

¹⁶ A criação e o dilúvio, p. 63.

¹⁷ A criação e o dilúvio; p. 74.

¹⁸ A Criação e o Dilúvio, p. 76.; a solução consistiria em conter o crescimento da humanidade, dentro de tais limites que confusão e gritos não fossem mais de natureza a incomodar os deuses. Para tanto, Enki e Nuntu imaginaram os seguintes meios: 1. tornar estéril certo número de mulheres; 2. enviar um demônio fêmeo para fazê-las morrer no parto; 3. criar espécies de ordens femininas para quem a ausência de filho seria uma obrigação religiosa.

atingidos , em virtude da sua solidariedade orgânica. Um crime é um sacrilégio que pode ter conseqüências muito graves a todos os níveis de vida , pelo simples fato de que o sangue vertido “envenena” a terra .E a calamidade manifesta-se na esterilidade dos campos, dos animais e dos homens. ¹⁹

Esta estrutura de pensamento universal sublinha a relação do homem e de Deus para com a terra. Esta, tornada impura pelas transgressões humanas , é punida por Deus e como reação, vomita seus habitantes, retornando a seu estado primordial, quando era desértica e desolada (Lv 18:25-26).

Esse esquema exclui a esterilidade dos ventres - um desvio flagrante do mito universal - muito provavelmente, podemos inferir, com o propósito de suprimir os mais diversos ritos sexuais e para-sexuais, destinados a fomentar a fertilidade do solo e dos ventres.

A fertilidade de Israel, portanto, é alçada à categoria de mandamento primordial, e não se inscreve no conjunto das bênçãos que recompensam a fidelidade à divindade.

A interação entre homem/fidelidade/transgressão – solo/ fertilidade/ impureza - desenvolvida em várias seções da Bíblia hebraica, fundamenta-se, em minha opinião na relação orgânica instituída no mito cosmogônico de Gn 2: 5-6, e como afirma Schökel, *o livro irá entrelaçar a sorte do povo e da terra no plano da fecundidade.* ²⁰

Nas maldições que selam o tratado entre o rei neo-assírio Assarhadon com príncipes vassalos lemos :

Que belet – ili, a Senhora da Criação, prive teu país de qualquer nascimento; que ela despoje tuas nutrizes dos gritos das criancinhas nas ruas e nas praças. ²¹

Nada semelhante encontramos entre as maldições do Deuteronômio, que incluem situações terríveis de antropofagia, quando o desespero do sítio levará as israelitas a comer a carne de seus filhos recém – nascidos juntamente com a placenta (Dt 28: 53, 57) ; e prevê que irão gerar filhos , mas que estes não lhes pertencerão pois serão escravos de povos estrangeiros (Dt 28: 32, 41) .

Em suma, *infame, o fruto de teu ventre* (Dt 28: 18) , mas em lugar nenhum figura a interdição desses ventres.

Ao contrário: a bênção em Dt 7:14 é hiperbólica, propositalmente separando-se dos outros povos no plano simbólico e simultaneamente santificando Israel:

*Serás abençoado, mais que todos os povos.
Não haverá entre os teus nem entre teus animais
macho ou fêmea estéril.*

¹⁹ Eliade, pp.206-207.

²⁰ Schökel, L. Alonso e Diaz, J.L. Sicre. *Profetas II*. Grande Comentário Bíblico. Trad. Pe. Anacleto Álvares. São Paulo: Paulus, 1991; p. 899.

²¹ Briend, J., Lebrun, R., e Puech, E.. *Tratados e Juramentos no Antigo Oriente Próximo*. Documentos do Mundo da Bíblia- 12. Trad. José Maria da Costa Villar . São Paulo: Paulus, 1998, p.90.

A terra, no entanto, será privada de chuva em Dt 28:23, 24:

*Teus céus sobre a cabeça serão de bronze;
a terra sob teus pés, de ferro;
IHVH dará como chuva à terra
as cinzas e o pó: ela cairá sobre ti dos céus
até te exterminar.*

No tratado de Assarhadon a mesma terminologia é empregada:

*Que todos os deuses nomeados nesta placa de tratado tornem teu solo tão estreito quanto um tijolo!
Que eles tornem teu solo como o ferro (para que) nada possa nele germinar!
Assim como a chuva não cai de um céu de bronze, assim também, que a chuva e o orvalho não caiam sobre teus campos e paradarias; em lugar de orvalho, que carvões ardentes chovam sobre teu país!²²*

O redator bíblico opera uma ruptura no padrão mítico universal que identifica a fertilidade agrícola com a gestação feminina.

Já os profetas de Israel fizeram largo uso de elementos míticos, provavelmente com o objetivo de atingir diretamente sua audiência em suas pregações.

Em uma única instância, o profeta Oséias, em tom de súplica e petição, pronuncia a maldição da esterilidade dos ventres e do secamento dos seios, estabelecendo um vínculo entre a fecundidade da mulher e da terra, e denunciando sua corruptibilidade através do termo *zinunim*, “prostituições”.

*Quanto a Efraim, a sua glória voará como ave;
não haverá nascimento, nem gravidez nem concepção !
Ainda que venham a criar seus filhos , eu os privarei deles
para que não fique nenhum homem.
Ai deles, quando deles me apartar!
Efraim, como planejei, seria como Tiro, plantado num lugar aprazível;
mas Efraim levará seus filhos ao matador.
Dá-lhes ó Senhor; que lhe darás ?
Dá-lhes um ventre estéril e seios secos! (Os 9:11-13)²³*

Esta imprecção nos remete a uma das maldições que selam o tratado aramaico de Sefire, e embora o texto esteja fragmentado, lê-se claramente nas linhas 21-24 da estela 1:

²² Tratados e Juramentos no Antigo Oriente Próximo , p. 93.

²³ na ausência de uma tradução literária dos textos proféticos como a de A.Chouraqui, emprego, para cotejo , a tradução teológica de Ferreira de Almeida – versão atualizada ; *Antigo Testamento Poliglota* . São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil e Edições Vida Nova, 2003.

and should seven nur[s]es anoint [their breasts] nurse a young boy , may he not have his fill; and should seven mares suckle a colt, may it not be sated; and should seven cows give suck to a calf, may it not have its fill; and should seven ewes suckle a lamb [may it not be sa]ted .²⁴

Os anais de Assurbanipal também veiculam a idéia dos seios secos, incapazes de saciar:

(The Gods) inflicted quickly upon them (all) the curses written down in their treaties. Even when the camel foals, the donkey foals, calves or lambs would suckle seve times on their dams, they could not satisfy their stomachs with milk.²⁵

Finalmente, no Livro de Lamentações a miséria de Israel é descrita com os conteúdos da maldição:

...a língua da criança que mama fica pegada, pela sede, ao céu da boca. (Lm 4:4)

Os paralelos aqui tratados são de grande importância para os estudos da Bíblia Hebraica, uma vez que a comparação com os textos do Oriente Médio antigo resgata os escritos bíblicos do vácuo da exegese religiosa, devolvendo-os ao seu contexto original, e permite interrogar o texto com alguma objetividade, ao delinear diferenças e semelhanças que auxiliam na sua compreensão e na tradução idônea de seus conceitos. Só assim pode-se entrever uma perspectiva científica para a elucidação dos textos sagrados.

²⁴ Fitzmeyer, Joseph A.. *The Aramaic Inscriptions of Sefire*. Biblica et Orientalia- 19/A.Roma: Editrice Pontificio Instituto Biblico, pp.79, 80.

Hillers, Delbert R..*Treaty-Curses and the Old Testament Prophets*. Rome: Pontifical Biblical Institute E., 1964; p.61-62.

Bibliografia:

A Criação e o Dilúvio – Segundo os Textos do Oriente Médio Antigo. Documentos do Mundo da Bíblia 7. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

Antigo Testamento Poliglota. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil e Edições Vida Nova, 2003

.Briend, J., Lebrun, R., e Puech, E..*Tratados e Juramentos no Antigo Oriente Próximo*. Documentos do Mundo da Bíblia- 12. Trad. José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1998

Brown, F., Driver, S.R., Brigs, C.A.. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clerndon Press, 1972

Chouraqui, André. *No Princípio*. Trad. Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Imago, 1995, pp. 51.

Dobschütz, E.von. “Zeit und Raum” em *Journal of Biblical Literature* XLI (1922).

Douglas, Mary. *In the Wilderness-The doctrine of defilement in the Book of Numbers*. New York: Oxford University Pres, 1993.

Eliade, Mircea. *Tratado da História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes: 1998.

Gordon, C.H. e Rendsburg, G.A.. *The Bible and the Ancient Near East*. London: W.W. Norton & Company, 1997.

Fitzmeyer, Joseph A.. *The Aramaic Inscriptions of Sefire*. Biblica et Orientalia- 19/A.Roma: Editrice Pontificio Instituto Biblico.

Hillers, Delbert R..*Treaty-Curses and the Old Testament Prophets*. Rome: Pontifical Biblical Institute E., 1964.

Sarna, Nahum. *Genesis*. The JPS Torah Commentary. Philadelphia: The JewishPublication Society, 1989.

Schökel, L. Alonso e Diaz, J.L. Sicre. *Profetas II*. Grande Comentário Bíblico; trad.Pe.Anacleto Álvares. São Paulo: Paulus, 1991; p. 899.

